

FILME COMO MEDIADOR: NARRATIVAS, DIALOGISMO E POSICIONAMENTO ÉTICO

FILM AS MEDIATOR: NARRATIVES, DIALOGISM AND ETHICAL POSITIONING

Renata Magalhães Naves¹, Fabricia Teixeira Borges²

RECEBIDO EM: 14/02/2021 | ACEITO EM: 16/06/2021

DOI: 10.5902/2317175864249

RESUMO

Este artigo apresenta e discute o uso do cinema, mais especificamente do filme, como mediador nas interações dialógicas e desencadear de posicionamentos éticos entre um grupo de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Os dados apresentados emergiram no decorrer de uma pesquisa que tinha como intuito, analisar como as atividades artísticas se relacionam com o desencadear de posicionamentos éticos. Para a construção desta pesquisa, de cunho qualitativo, o objetivo foi analisar as identificações de oito crianças e adolescentes, com idades entre 10 e 14 anos, com os posicionamentos dos personagens do filme, tendo como foco a mediação do filme "Sing – quem canta seus males espanta". O encontro configurado como roda de conversa, foi videogravado e as análises realizadas numa perspectiva temática dialógica. A análise, revela processos dialógicos que perpassaram acontecimentos do filme, dando sentido e significado a situações cotidianas experienciadas pelos participantes da pesquisa, favorecendo posicionamentos éticos.

Palavras-chave: Cinema; Narrativas; Dialogia; Posicionamento ético.

ABSTRACT

This article presents and discusses the use of cinema, more specifically film, as a mediator in dialogical interactions and the triggering of ethical positions among a group of children and adolescents in social vulnerability. The data presented emerged during a research that aimed to analyze how artistic activities are related to the triggering of ethical positioning. For the construction of this research, of a qualitative nature, the objective was to analyze the identifications of eight children and adolescents aged between 10 and 14 years old with the positionings of the characters of the film focusing on the mediation of the film "Sing - who sings their ills amazes". The meeting configured as a conversation circle was videotaped and the analyzes were carried out in a dialogical thematic perspective. The analysis reveals dialogic processes that permeated the film's events, giving sense and meaning to everyday situations experienced by the research participants, favoring ethical positioning.

Keywords: Movie; Narratives; Dialogia; Ethical positioning.

1 Introdução

O propósito deste artigo, foi analisar as identificações de oito crianças e adolescentes, com idades entre 10 e 14 anos, com os posicionamentos dos personagens do filme "Sing – quem canta seus males espanta", tendo o filme como mediador. A partir de uma perspectiva narrativa dialógica, compreendemos que a produção de significados, se estabelece na fronteira enunciativa do "eu" com o "outro e, possibilita posicionamentos éticos de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, participantes de uma organização não governamental - ONG, que trabalha com atividades relacionadas à arte.

Os significados podem ser analisados a partir de aspectos polifônicos, ou seja, de diversas vozes, ponto de vista, postura ideológica, que concordam ou discordam entre si, estabelecendo uma relação dialógica (BAKHTIN, 2013). Essas relações são dialógicas (BAKHTIN, 2016) enquanto comunicação discursiva e fundantes para o desenvolvimento humano, visto que articulam a relação do eu e do outro, em um processo semiótico de produção cultural que produz um mundo e o significa (BRUNER, 1997), num constante discurso.

No discurso, é possível identificar situações que são valoradas pelas pessoas com base nas particularidades dos atos, da vida concreta, numa cadeia de significação que possui uma estreita relação com conteúdos ideológicos presentes nos grupos sociais a que pertencem (VOLÓCHINOV, 2017). Nos processos dialógicos, as vozes das pessoas envolvidas podem posicionar a si mesmas e ao outro, em movimentos de deslocamentos e alteridade (BAKHTIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2017). Os posicionamentos se constituem a partir de posições fluídas nas formas relacionais, que envolvem as negociações entre as pessoas em interação discursiva (HARRÉ; VAN LANGENHOVE, 2003).

Ao trabalharmos com crianças e adolescentes, partimos do pressuposto que estas se encontram no processo de transição e de construção de campos afetivo-semióticos (possíveis valores), que podem ser compreendidos por meio

¹ Doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília (UnB). Docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: renatanavespsico@gmail.com

² Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE) da UnB. E-mail: fabricia_borges@unb.br

de narrativas, gestos e ações e pela forma como se posicionam. Tais posicionamentos estão relacionados ao desenvolvimento de estratégias discursivas de histórias pessoais, que determinam as ações de uma pessoa enquanto atos sociais, possibilitando locações específicas aos participantes da conversa (HARRÉ; VAN LANGENHOVE, 2003). Ao se posicionarem, estão relacionando as práticas discursivas de si e dos outros, entrelaçando as narrativas com que entraram em contato (MOGHADDAM, 2003; SPINK; MEDRADO, 2013).

Nesse sentido, as narrativas são meios para analisar e compreender aspectos ideológicos relacionados às experiências das pessoas. Assim, em uma elaboração discursiva, os atributos éticos pessoais são interpretados por meio dos posicionamentos, o qual denominamos de *posicionamentos éticos*. Os posicionamentos éticos, são considerados a partir da junção entre a teoria do posicionamento (HARRÉ; VAN LANGENHOVE, 2003) e a teoria do ato responsável (BAKHTIN, 2017), a partir do princípio da alteridade, pela forma como a pessoa assume a responsabilidade por suas ações, por seus atos éticos responsáveis e responsivos. O posicionamento ético, permite um olhar sobre como as pessoas agem a partir das suas especificidades e diversidades.

2 Encontro na ONG, com atividades mediadas pela arte

A instituição em que a atividade foi realizada, caracteriza-se como uma organização não governamental, fundada em 2012. Atende a cerca de 200 crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, com idades entre 6 a 17 anos, no contraturno escolar. Neste espaço é oferecida uma programação diária, que inclui oficinas de arte como: pintura, escultura, grafite, mosaico, fotografia, cinema, teatro, música, entre outras expressões artísticas.

A partir das atividades artísticas realizadas, entendemos que esta ONG é um lugar que possibilita o fervilhar da imaginação. Um espaço em que uma palavra, um toque, um olhar, um gosto e até mesmo um cheiro, intensifica o vivido e proporciona distintas experiências, a partir da mediação, por meio de artefatos artísticos objetivados em diferentes linguagens, que nos possibilitam perceber a reciprocidade entre o ser humano e a cultura. Consideramos, que os elementos existentes na nossa cultura e, dentre eles, os artefatos artísticos como: música, filme, desenho, pintura, entre outros, configuram-se como recursos simbólicos, à medida que oferecem suporte para que ocorra a significação de novas experiências e auxiliam a pessoa a se adaptar a situações inéditas (ZITTOUN; GILLESPIE, 2013).

A arte, enquanto mediadora para o processo formativo, favorece vivências e experiências que transcendem as dimensões prático-utilitárias do cotidiano (VIGOTSKI, 2018; ZANELLA, 2007). Podemos pensar a arte enquanto produtora de subjetividade, pois possibilita o sentir as coisas e experienciar situações que nos constituem. Ao tomarmos consciência, por meio de vivências com o objeto artístico, de determinados aspectos, dos jogos linguísticos que estão a nossa volta, somos capazes de reinventar, jogar, descontextualizar e imaginar outras

perspectivas de ver e viver a vida, a partir das normas e regras que são postas nas vivências cotidianas (ZANELLA; BRITO; CARVALHO; ROZENFELD, 2014).

3 O estudo

O estudo foi delineado a partir do recorte de uma pesquisa maior sobre a análise de como as atividades artísticas, desenvolvidas por uma ONG que atende a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, se relacionam com as variadas experiências dos participantes e com o desencadear de posicionamentos éticos. Trata-se de pesquisa de cunho qualitativo, por aproximar-se das intenções de pesquisa e ser modelo que permite compreender gradualmente o fenômeno social, além de possibilitar a entrada do pesquisador no contexto dos participantes, afinal, os fenômenos sociais são vistos de maneira holística (BAUER; GASKELL, 2002; CRESWELL, 2014).

Os participantes da pesquisa foram oito crianças e adolescentes, identificados com nomes de artistas, por eles escolhidos, tais como apresentado na tabela 1 a seguir:

Tabela 1

Participantes da pesquisa

| Participantes da Pesquisa | Idade |
|---------------------------|---------|
| Ruth Rocha | 10 anos |
| Van Gogh | 12 anos |
| Cora Coralina | 10 anos |
| Shakespeare | 11 anos |
| Chiquinha Gonzaga | 11 anos |
| Ana Botafogo | 11 anos |
| Eduardo Kobra | 14 anos |
| Steve Jobs | 10 anos |

Todos os participantes frequentavam, no contraturno escolar, a ONG que oferecia atividades relacionadas com arte. A construção dos dados ocorreu por meio de roda de conversa, uma proposta metodológica de comunicação dinâmica e produtiva que, no contexto da pesquisa narrativa, possibilita que os participantes estabeleçam espaços de diálogo e a construção de informações para análise. Desta forma, a roda de conversa permite que o pesquisador participe da conversa, partilhe experiências e faça parte da produção de dados para a discussão, portanto, há uma intensa interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa (MELO; CRUZ, 2014). Essa técnica propicia narrativas e conversações repletas de significados e elementos afetivos.

O encontro foi mediado pelo filme *Sing: quem canta seus males espanta*, uma animação estadunidense lançada em 2016, pelo diretor *Garth Jennings*, por meio da *Universal Pictures*. O filme foi apresentado em um encontro com o grupo, tendo como intuito alavancar narrativas sobre a identificação dos parti-

cipantes com os personagens do filme, bem como seus posicionamentos cotidianos em relação aos temas vinculados ao filme e que emergiram da conversação.

Para que o grupo assistisse ao filme, utilizamos uma das salas da instituição – ONG, que dispunha de projetor de imagem, caixa de som, cadeiras e almofadas. Utilizamos a videogravação como recurso para análise das interações que durou cerca de 110 minutos. Para realização das análises, o vídeo desse encontro foi gravado e transcrito na íntegra (NAVES; PERES; BORGES; BORGES, 2018). Após a leitura do texto transcrito, foi feita a Análise Temática Dialógica (SILVA; BORGES, 2017), buscando apresentar a relação entre o filme e as narrativas dos participantes. Para melhor compreensão, estruturamos as análises a partir de temas.

4 Resultado e discussão dos resultados

4.1 O filme *Sing*

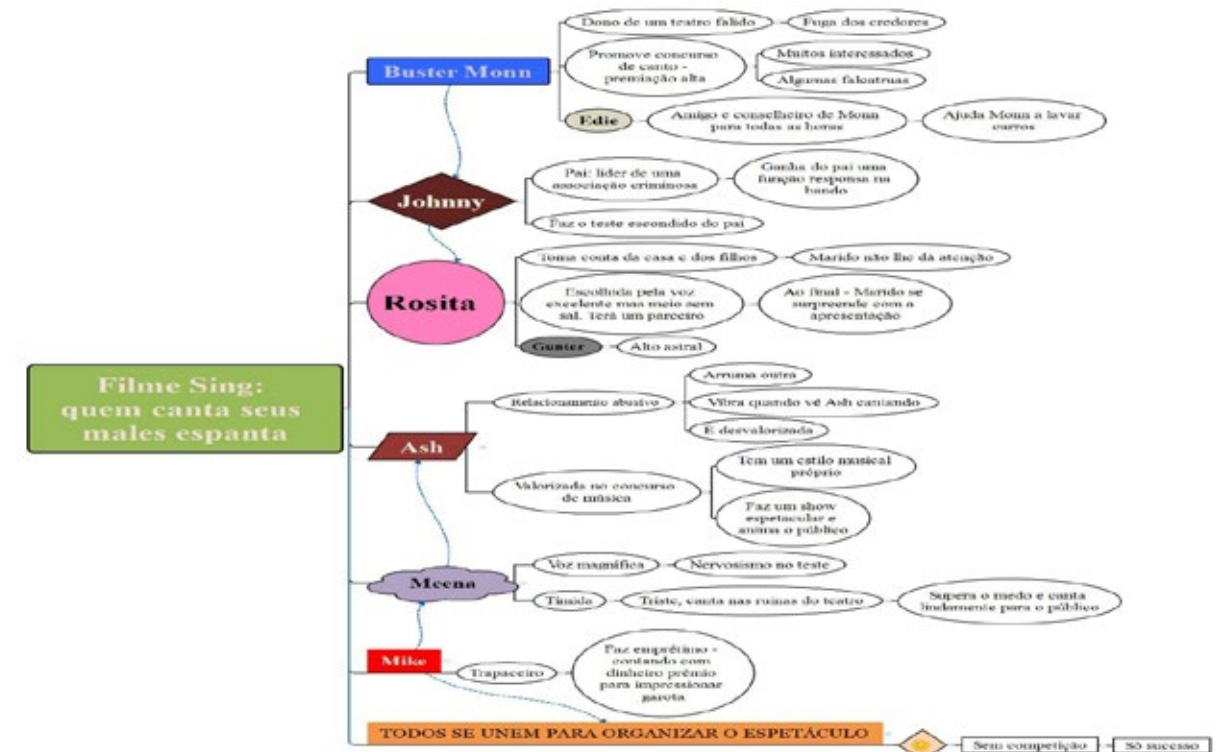
O filme *Sing*: quem canta seus males espanta se passa em uma Los Angeles habitada por animais antropomorfizados. O enredo se desenvolve com a produção de um *reality show* musical e dinâmico e está relacionado a questões sociais e atuais, como: discriminação de gênero, desvalorização da mulher, do trabalho doméstico, fracasso, medo, relacionamentos abusivos, egoísmo, escolhas, solidão, conflitos familiares e superação.

No início da animação, há a apresentação dos personagens e dos respectivos núcleos que compõem a trama, a partir de uma câmera que passeia pela cidade. Borges (2008, 2020), afirma que a arte cinematográfica usa várias formas verbais e imagéticas com o objetivo de emitir uma mensagem intencional, estabelecida pelas pessoas que fazem parte da produção filmica. Neste sentido, acreditamos que há uma intenção dos produtores em atizar a curiosidade dos espectadores sobre a vida e o cotidiano de cada participante do *reality* musical.

O contexto cultural em que os personagens do filme estão inseridos, corrobora com a tese de que a relação entre a pessoa e a cultura não é neutra, mas palco de permanentes tensões ideológicas (SANTANA; OLIVEIRA, 2016). São essas tensões que foram propiciando sentido e significado às experiências de cada personagem.

O enredo traz como fio condutor o personagem *Buster Moon*, um coala otimista que possui uma voz entusiástica, apaixonado por música e pelo *show business*, e os participantes do *reality* musical: *Johnny*, um gorila adolescente, que apresenta um contraste entre a característica física um pouco intimidadora devido ao seu tamanho, e sua sensibilidade para música com uma voz fabulosa; *Rosita*, uma porquinha carismática, atenciosa, solidária, casada e com muitos filhos, exemplifica bem as experiências de muitas mulheres que abdicam de seus objetivos em prol da família; *Gunter*, um porco companheiro, extrovertido e alto astral que faz dupla com *Rosita* nas apresentações de palco; *Ash* é uma porco-espinho fêmea adolescente, que possui um talento incrível e tem um estilo *rock and roll* próprio. É sempre vista em companhia do namora-

do, com o qual vive em um relacionamento abusivo, pois ele não acredita no potencial dela e sempre a desvaloriza; *Meena* é uma elefanta sensível, tímida e possui um talento indiscutível para o canto; *Mike* é um rato ambicioso, egoísta, fanfarrão, trapaceiro e esnobe, que vive se metendo em confusões.



A partir do posicionamento de cada personagem, o filme se configurou como um mediador em potencial, que favoreceu narrativas e interação entre os participantes do grupo pesquisado, pois possui vários códigos como: as palavras, imagens, cores, canções e o cenário, que podem ser interpretados de acordo com as experiências de cada espectador que o assiste.

4.2 Análise temática dialógica da conversação - filme *Sing*: O que me representa?

Nas narrativas dos participantes, identificamos temas centrais que permearam as interações estabelecidas a partir das experiências de cada personagem do filme, tais como: Experiência com *Rosita* – Mãe: vida complicada e Marido/Pai; Experiência com *Johnny* – Ladrão/Violência; Experiência com *Meena* – Medo/Nervosismo; Experiência com *Ash* – Respeito/Ter atitude; Experiência com *Mike* – Traçaças; Experiência com *Senhor Moon* – Luta, Amizade e Ajudar ao próximo.

4.2.1 Experiência com *Rosita* - Mãe – Vida complicada/Marido-Pai

As cenas do filme que possibilitaram conhecer o cotidiano de *Rosita* auxiliaram Ana Botafogo a relacioná-lo à vida de sua mãe.

| | |
|--------------|--|
| Ana Botafogo | Minha mãe tem nove filhos |
| Pesquisadora | E como que é a vida dela, Ana? Como você vê a vida da sua mãe? |
| Ana Botafogo | Complicada é, tem vez que ela fica triste porque a gente fica passando dificuldade quando meu pai viaja. Tem vezes que a gente fica até sem comer. |
| Shakespeare | Vixeee |
| Ana Botafogo | Porque passa de seis crianças né, aí, e não tem como minha mãe sustentar tudo assim. E meu pai vai viajar de novo talvez... |

A partir de sua narrativa, podemos compreender a condição de vulnerabilidade social que Ana Botafogo e sua família se encontram, na qual as condições necessárias para sobrevivência são escassas, incluindo a própria alimentação. O número de filhos, “passa de 6 crianças”, ultrapassa cinco vezes a média apontada pelo IBGE, de que em 2018, a taxa de fecundidade total era de 1,77 filho por mulher. A provável falta de assistência e a sobrecarga de uma mãe que se sente impotente frente às atribuições do dia a dia é clara.

Ana Botafogo conseguiu relacionar as experiências de Rosita, a personagem do filme, com as suas próprias, expandindo a consciência a partir da narrativa sobre a vida complicada que a mãe possui por não conseguir dar o sustento para os filhos. Quando Ana Botafogo relata “*Tem vezes que a gente fica até sem comer*”, Shakespeare rapidamente expressa um “Vixeee” em uma entonação expressiva. Percebemos que a consciência se constitui na e pela dimensão semiótica, pois a expressão denotou um sentimento com variadas sensações a partir dos sentidos e significados (VIGOTSKI, 2001; VOLÓCHINOV, 2017) que possui e que são pertencentes ao seu contexto de vida. Ana Botafogo se posicionou de forma empática, indicando que compreende a situação da mãe. A mudança em seu tom emotivo-volitivo e em sua postura reverbera um sentimento de tristeza pela situação vivenciada e uma probabilidade de uma nova ocorrência.

Outro fato que despertou a atenção dos participantes foi a relação entre Rosita e seu marido:

| | |
|---------------|---|
| Ana Botafogo | E chegava em casa e não dava atenção para ela. |
| Steve Jobs | E chegava em casa, se jogava em cima do sofá com a televisão ligada e com um pedaço de torta. |
| Ana Botafogo | E nem dava atenção para ela. |
| Pesquisadora | E o que vocês acham disso? |
| Eduardo Kobra | É triste tia. |
| Ana Botafogo | E o meu pai, meu pai, que é meu padrasto, considerado, ele chega em casa do trabalho, toma banho e dá atenção para a minha mãe. |
| Pesquisadora | Ele dá atenção? |
| Ana Botafogo | É, ele pode estar cansado, mas dá atenção para minha mãe, e só discute quando ele bebe. |

Fica evidente, nas narrativas de Ana Botafogo, o quanto “dar atenção” é um significado regulador de seu pensamento (VALSINER, 2012) sobre às experiências da relação entre marido e mulher. Percebemos o “dar atenção” como

um posicionamento ético que, para ela, traduz alteridade e responsividade em um ato que somente a pessoa, como ser único e irrepetível, é capaz de realizar (BAKHTIN, 2017). No entanto, o consumo de bebida alcoólica pelo padrasto influencia na mudança de postura dele em relação ao “dar atenção”.

A temática sobre gênero e suas atribuições apareceu em destaque, bem como a do consumo de álcool e, de uma forma implícita, a da violência. Assim, foi possível a compreensão de que a forma axiológica com que os participantes se posicionaram, está intimamente ligada às condições sociais, históricas e culturais que permeiam suas experiências.

Van Gogh, expande a experiência por meio da imaginação (ZITTOUN; CERCHIA, 2013) e amplia sua narrativa em relação às questões relacionadas ao companheirismo e as atividades domésticas.

| | |
|--------------|---|
| Van Gogh | É igual, já pensou vocês dois chegaram, o homem e a mulher chegaram do serviço, tão cansados e a mulher vai deitar na cama e dorme, aí o cara tem que limpar, ir lá fazer a comida e ela só vai e come e dorme de novo. |
| Steve Jobs | Na minha casa, meu pai, ele que lava louça, todo dia ele lava louça, ele limpa a casa, meu pai ainda trabalha. Eu tenho orgulho do meu pai, eu acho que eu tenho. |
| Pesquisadora | Por que você acha que tem orgulho do seu pai? |
| Steve Jobs | Uai, porque ele é um homem trabalhador, honesto, nunca mente, sempre fala a verdade, a vida inteira, é respeitoso, mas tem muitas virtudes assim. |

Van Gogh se posiciona de forma articulada, responsiva e consegue possibilitar outros significados ao inverter os papéis masculino e feminino que foram apresentados no filme, que geralmente são definidos socialmente. Essa discussão e o exemplo dado por Van Gogh permitiram a Steve Jobs destacar alguns atributos domésticos realizados pelo pai, apesar de ainda trabalhar fora de casa, ao dizer “Eu tenho orgulho do meu pai, eu acho que eu tenho”. Percebemos nessa dubiedade de pensamento, uma polifonia que remete a algumas concepções culturais relacionadas às funções desempenhadas pelos homens e pelas mulheres de décadas anteriores, ainda presentes na sociedade. De acordo com elas, o homem é tido como provedor e a mulher como a cuidadora do lar, pois cita que seu orgulho está relacionado aos valores morais do pai e não por esse pai exercer atividades em casa, que muitas vezes não são vistas com bons olhos por uma sociedade machista.

4.2.2 Experiência com Johnny: Ladrão/Violência

No trecho a seguir pudemos analisar as narrativas, a partir do núcleo de Johnny. O contexto de Johnny é permeado por ações ilícitas, exercidas por sua família e que estava na contramão do almejado por ele. Há outros significados do tornar-se, que fazem mais sentido sobre o que quer para sua vida. Frente às experiências do Johnny no filme, as narrativas dos participantes Steve Jobs e Van Gogh foram orientadas por uma comparação entre as distintas violências observadas no contexto familiar deles e de Johnny.

| | |
|-------------------|---|
| Chiquinha Gonzaga | O pai de Johnny era ladrão, só que ele não gostava de ficar roubando, só que aí ele queria ser cantor e ele queria seguir a vida dele. Só que aí um dia ele foi fazer um teste e o pai dele nunca [...] e o pai dele ficou lá para roubar e foi preso [...] e Johnny conseguiu realizar o sonho dele. |
| Steve Jobs | Meu tio |
| Pesquisadora | Por que, você lembrou do seu tio, Steve Jobs? |
| Steve Jobs | Ah, é porque meu tio é ladrão. |
| Pesquisadora | Como é isto? Explica. |
| Steve Jobs | Ele gosta de ser ladrão. |

Percebemos uma narrativa fluida de Steve Jobs a respeito de um tio que é ladrão. A ênfase expressada na frase *“meu tio gosta de ser ladrão”* sugere que para ele, não há implicações pessoais e sociais, quanto ao fato de o tio ser um ladrão, de não agir de acordo com a lei. Diferente de Steve Jobs, Van Gogh entra na conversa, de forma súbita, para falar sobre um acontecimento familiar causado por ações de violência.

| | |
|--------------|--|
| Van Gogh | Meu tio morreu por causa disto. |
| Pesquisadora | Seu tio morreu por causa disto, o quê? |
| Van Gogh | Por causa que ele comprou droga e não tinha dinheiro para pagar e os cara foro lá e deu sete facadas nele. |

Percebemos que a ação proferida por Van Gogh lhe causou certo incômodo, que percebemos na rememoração da situação de luto por um tio assassinado devido à relação com o tráfico de drogas. Sua narrativa se alinha aos escritos de Judith Butler (2015) por compreendermos esse assassinato como uma ação que resulta em formas de categorizar, hierarquizar e construir fronteiras sociais (BUTLER, 2015; SANJURJO; FELTRAN, 2015).

4.2.3 Experiência com Meena: Medo/Nervosismo

No trecho a seguir, os exemplos apresentados foram relacionados às ações da personagem Meena e dizem respeito a como os participantes se posicionaram e conseguiram destacar situações que excediam seus limites e, que muitas vezes, os impedem de prosseguir na realização dos objetivos.

| | |
|-------------------|---|
| Chiquinha Gonzaga | Tia, eu tenho medo de muita coisa, o Van Gogh tá de prova, porque no campeonato de natação ia fazer: - aaai, qual é o nome daquele negócio que você vem e pula? Ai, deixa, é tipo, a gente fazia tipo, um pulava, ia pro lado, batia e o outro pulava de novo. |
| Pesquisadora | Revezamento |
| Chiquinha Gonzaga | É. Eu fiquei com medo, eu não sabia como é que fazia [...]. Também tenho vergonha de cantar quando tem muita gente. |
| Ruth Rocha | Tia, um dia na apresentação, eu tava tão com o coração apavorado, que na hora que tive de bater pé eu ficava assim, não conseguia bater pé, eu tava tremendo de nervoso. Todo mundo olhava para mim, aí, eu pensava assim, aí, meu Deus do céu me ajuda, aí tremia [...]. |

As experiências narradas enfatizaram situações de ansiedade, nervosismo e medo. Essas situações causam impactos no desenvolvimento das atividades a serem realizadas e geralmente ocorrem como forma de proteção diante à exposição e, sobretudo, de críticas emitidas por outras pessoas.

4.2.4 Experiência com Ash: Respeito/Ter atitude

Respeito e atitude foram dois temas intrinsecamente relacionados a questões referentes aos relacionamentos abusivos. Esses temas permearam as narrativas de três, das quatro meninas participantes do nosso estudo, como apresentado a seguir:

| | |
|-------------------|---|
| Ana Botafogo | É, Ash é uma roqueira que gosta de Rock, e o namorado dela falava que ela não sabe produzir música, aí, ela tentou e conseguiu. |
| Pesquisadora | O que você acha disso? |
| Ana Botafogo | Eu, acho, ééé, que o namorado tinha que ter mais respeito com ela. |
| Pesquisadora | E como você vê esta questão da falta de respeito com o próximo ou do namorado? |
| Ana Botafogo | É assim, falar com a pessoa e a pessoa pensa assim ó, ele não está tendo respeito comigo. E a pessoa fica triste. |
| Cora Coralina | É assim tia, eu acho que ela tem atitude porque o namorado dela, é, ela deu a notícia para ele que ia ter este concurso, aí, ele ficou falando que ela não ia dar conta e falou um monte de coisa para ela, só que, aí, ela não ouviu o namorado dela e foi lá e fez. |
| Chiquinha Gonzaga | Eu acho que ela fez uma escolha boa, porque têm certas pessoas que terminam um relacionamento e vai tentando de novo, pra cutucar ferida, uma coisa assim, fica tentando. Eu acho que ela que seguiu em frente, ela fez um bem, um bem para ela mesma. |

O que essas narrativas nos incitam a pensar? Vemos meninas abordando os temas de forma mais ativa, construindo significados sobre a relação entre homem e mulher distintos daqueles transmitidos em uma sociedade patriarcal e ainda predominante no contexto sociocultural das participantes. Percebemos que mesmo concordando com o posicionamento de Ash, as colocações das participantes não foram incisivas sobre a vida e a forma de relacionamento que elas querem para elas próprias. Quando abordamos *“construindo significados”* é porque sabemos que não é fácil se desfazer de formas cristalizadas de pensamentos e ações sobre os comportamentos masculino e femininos, como vemos na narrativa de Ana Botafogo quando relata a tristeza (um sentimento e não uma ação), devido à falta de respeito do outro entre o casal do filme.

4.2.5 Experiência com Mike: Trapaças

Conversando sobre as experiências do Mike no Filme, o tema que apareceu nas narrativas foi sobre a trapaça.

| | |
|---------------|---|
| Pesquisadora | O Shakespeare gostou do ratinho trapaceiro. Você gosta de fazer trapaças, Shakespeare? |
| Shakespeare | Às vezes |
| Renata | E quando é que você faz trapaças? |
| Eduardo Kobra | Quando é necessário. |
| Pesquisadora | Quando é necessário fazer trapaças, Eduardo Kobra? |
| Eduardo Kobra | Quando a outra pessoa tá ganhando. É quando a pessoa tá perdendo aí vira o jogo, esconde uma carta aqui atrás e pá. |
| Pesquisadora | E o que você acha disso? |
| Eduardo Kobra | Eu acho que isto não é justo não, mas às vezes deve ser feito. |

Vemos uma cumplicidade nas narrativas de Shakespeare e Eduardo Kobra em relação ao tema trapaça, uma ação considerada por Eduardo Kobra como não justa, mas, às vezes, necessária. Um relato como esse em uma sociedade “moralista” pode causar certo fervor, mas consideramos pertinente o posicionamento de Eduardo Kobra “Quem nunca trapaceou?”, pois o conflito de interesses incita o comportamento considerado desonesto. Ao se encontrar em uma situação conflituosa, as pessoas podem arriscar uma trapaça em seu próprio benefício ou para beneficiar outras pessoas, muitas vezes em um limite “aceitável” de desonestidade para ele próprio (MIOTTO, 2013). Assim, eis a questão: o posicionamento de Eduardo Kobra foi considerado ético, porque percebemos uma responsividade, um viver desde si mesmo (BAKHTIN, 2017) para compreender as relações sociais que circunscrevem nossos contextos históricos e culturais.

4.2.6 Experiência com Senhor Moon: Luta, Ser Amigo/Ajudar o próximo

A luta por meio do trabalho foi um tema que permeou as narrativas de vários participantes:

| | |
|---------------|--|
| Pesquisadora | Gente, alguém comentou aqui que o senhor Moon sempre falava do pai, que lutou muito para conseguir comprar o teatro. Vocês entenderam o que ele fez? |
| Eduardo Kobra | Lavava carro. |
| Pesquisadora | Lavava carro para juntar o dinheiro, como vocês veem esse trabalho? |
| Steve Jobs | Ué, uma coisa boa, que pessoa que trabalha é uma pessoa de confiança. Pelo menos eu acho isso, não é, Van Gogh? |
| Pesquisadora | E o que é uma pessoa de confiança? |
| Steve Jobs | Pessoa que toda vez fala verdade, não rouba, não mente, trabalha muito, não faz trapaça. |

O episódio da conversa acima, inicia-se com a relação estabelecida entre luta e trabalho para o alcance dos objetivos. Por meio desse tema, pudemos analisar as concepções de moralidade que permeiam o contexto de Steve Jobs. O fato do pai do Senhor Moon ser um homem que passou a vida lavando carros para juntar dinheiro e comprar o teatro para o filho, caracteriza-o como um homem trabalha-

dor e, conseqüentemente, como alguém de confiança. Faz-se necessário aclararmos, que nem todo trabalho é realizado por pessoas de confiança e existem muitas “trapaças” que não permitem que os trabalhos sejam considerados confiáveis.

A análise feita, nos permite dizer que o participante Steve Jobs faz uma referência ao pai do Senhor Moon, com base no reconhecimento que tem de seu pai, remetemo-nos à sua fala sobre a Rosita, no tema Pai/Marido. Ele diz sobre o pai: “[...]ele é um homem trabalhador, honesto, nunca mente, sempre fala a verdade, a vida inteira, é respeitoso, mas tem muitas virtudes assim”. Percebe-se que este tema tem um peso afetivo para ele, pois permeia suas experiências cotidianas na relação com seu pai.

Ser amigo e ajudar o próximo, foram outros temas relevantes que permitiram o posicionamento de todos os meninos participantes do encontro:

| | |
|---------------|--|
| Shakespeare | Nois não falou do amigo do Senhor Moon. |
| Eduardo Kobra | O carneiro. |
| Pesquisadora | Gente, o que vocês acham daquela amizade? |
| Steve Jobs | Forte. |
| Pesquisadora | Por que você acha que aquela amizade é forte Steve Jobs? |
| Steve Jobs | Eu, porque igual no final da história ele viu lá o amigo esfregando. |
| Van Gogh | Isto, foi o amigo ajudando o outro. |
| Steve Jobs | Então, enquanto um estava esfregando o outro foi secando. |
| Pesquisadora | O que você pensa sobre amigos assim, Steve Jobs? |
| Steve Jobs | Que é bom ter um amigo assim, o Van Gogh é um amigo assim. |
| Shakespeare | O Eduardo Kobra também é assim. |

Neste episódio houve uma identificação específica entre os meninos e Eddie, o carneiro, ao relatarem as características de uma amizade a partir da relação entre Eddie e o Senhor Moon. Observamos que houve comparações entre a demonstração de amizade dos personagens e entre os participantes que se consideram amigos, numa relação de cumplicidade.

Os relacionamentos de amizade, muitas vezes, atuam como promotor de afeto, intimidade, confiança e ajuda mútua. Estas características foram percebidas por meio da arte, favorecendo uma construção de si nos participantes em uma perspectiva estético-moral, pois, por meio do outro, eles perceberam a si e às suas ações diante de valores elaborados socialmente (BAKHTIN, 2011; BORGES; ARAÚJO; AMARAL, 2016).

Em relação ao nosso questionamento sobre aprender a ajudar o outro, tivemos as seguintes alegações:

| | |
|---------------|---|
| Pesquisadora | Onde será que a gente aprende a ajudar o outro? |
| Shakespeare | Na bíblia. |
| Pesquisadora | Será que é só na bíblia que a gente aprende? |
| Eduardo Kobra | Não, em casa. |
| Steve Jobs | Não, no cotidiano, talvez nas novelas. |
| Van Gogh | Educação do pai e da mãe. |

Shakespeare No filme.

Ao modo de cada um, as narrativas dos participantes se apresentaram em consonância com a perspectiva da Psicologia Histórico-cultural, de que somos seres de relações e que é nas interações sociais que nos constituímos e somos constituídos (VIGOTSKI, 2009). Dentre os mais variados contextos em que podemos exercer a ação “ajuda”, vimos na citação do participante Shakespeare, que o filme apresentado também se configurou como possibilitador de aprendizagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, que a análise desse encontro mediado pelo filme *Sing*, possibilitou uma triangulação efetiva entre as experiências dos participantes, os personagens do filme e os posicionamentos éticos. Além de uma riqueza em detalhes, o filme contém várias mensagens e diálogos valorativos e possibilita jogar não apenas com questões relacionadas ao tempo e ao espaço, mas também com a compreensão das relações sociais e culturais por meio da arte cinematográfica.

O recurso audiovisual, mais especificamente o filme, proporciona às pessoas uma interação maior com a mensagem apresentada, oportuniza reflexões entre a ficção e a realidade e possibilita construções de significados maior, que em qualquer outra convenção social (BORGES, 2012). Nas interações, pudemos analisar o quanto as experiências de cada personagem apresentado no filme, incitaram posicionamentos das crianças e adolescentes participantes do encontro. Alguns considerados como éticos, ato responsável, por vermos uma conexão entre o conteúdo, o processo e a avaliação da pessoa (BAKHTIN, 2017).

Os participantes, por meio do contexto fílmico, construíram pontes para um mundo vivido, pois suas narrativas revelaram esferas cotidianas que perpassaram por vários contextos sociais, visto que “O filme é uma produção coletiva que trata do cotidiano” (BORGES, 2020, p. 87). Consideramos que a relação entre experiência e mediação estética, se constitui em um espaço fronteiro que há a apreensão dos significados e o estabelecimento de sentidos em consonância com as experiências adquiridas no cotidiano. Esta relação desencadeou alguns posicionamentos éticos e uma nova arquitetura para a existência que observamos nas falas e posicionamento dos participantes da pesquisa.

O contato com a arte, oportuniza a produção de novos significados e influi nas formas de ver, sentir e se posicionar no mundo (CONTE; DEVECHI, 2016; KINSELLA; BIDINOSTI, 2016; REIS, 2011; REIS; ZANELLA, 2014; STAVROVA; MECKEL, 2017; ZANELLA, 2007). Assim, a arte é considerada como uma mediadora estética que, por meio da imaginação, contribui para a expansão das experiências (BERNARDINO, 2010; ZITTOUN, 2013) de ultrapassar barreiras, regras e normas e de se posicionar eticamente.

Assim, a análise dos posicionamentos requer ponderações acerca da cultura em que a pessoa está inserida, pois os pressupostos culturais compõem a

constituição do senso de si, por meio dos discursos sociais, e a apropriação dos sentidos e significados (BORGES; ARAÚJO; AMARAL, 2016). Os processos dialógicos perpassaram acontecimentos do filme, e deram sentido e significado às situações cotidianas experienciadas pelas crianças e adolescentes e possibilitaram posicionamentos éticos.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução P. Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução P. Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013
- BAKHTIN, M. M. **Os Gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução V. Miotello; A. A. Farraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João, 2017
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução P. A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- BERNARDINO, P. Arte e tecnologia: intersecções. **ARS**, v. 8, n. 16, p. 39-63, 2010. Disponível em: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202010000200004>
- BORGES, F. T. **Olhares de mulheres: um estudo sobre o filme Janelas da Alma**. Maceió: Edufal, 2008
- BORGES, F. T. A professora que vemos nos filmes: construção identitária e significados da docência. **Caderno Cedex**, Campinas, vol. 32, n. 88, p. 303-317, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n88/a04v32n88.pdf>
- BORGES, F. T. “A vida invisível”: as cidades construídas pelas narrativas cinematográficas. In: A. V. Zanella (Ed.), **Arte e cidade, memória e experiência** (p. 85-98). Teresina: EDUFPI. 2020
- BORGES, F. T.; ARAÚJO, P. C.; AMARAL, L. C. Identidade na narrativa: a constituição identitária e estética da professora na interação com o aluno. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, 1-9, 2016. DOI: 10.1590/0102-3772e32ne27
- BRUNER, J. S. **Atos de significação**. Tradução S. Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- BUTLER, J. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução S. M. Rosa. Porto Alegre: Penso, 2014
- CONTE, E.; DEVECHI, C. P. V. A experiência estética em tempos de virtualização tecnológica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 162, p. 1216-1233, 2016. Disponível em: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/198053143724>
- HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. Introducing Positioning Theory. In: R. H. Van & L. Langenhove (Orgs.), **Positioning Theory: Moral contexts of intentional action**, p. 14-31. Massachusetts, USA: Blackwell Publishers Ltd, 2003
- MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-9, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v4i2.22222>
- KINSELLA, E. A.; BIDINOSTI, S. I now have a visual image in my mind and it is something I will never forget: An analysis of an arts-informed approach to health professions ethics education. **Advances in Health Sciences Education**, v. 21, n. 2, p. 303-322, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10459-015-9628-7>
- MIOTTO, A. P. De verdade, o que é ser honesto? **RAE-Revista de Administração de Empresas**. V. 53, n. 4, p. 416-417, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902013000400009>

- MOGHADDAM, F. M. Reflexive Positioning: Culture and Private Discourse. In R. Harré & L. Van Langenhove (Orgs.), **Positioning Theory: Moral contexts of intentional action**, p. 4-86. Massachusetts, USA: Blackwell Publishers Ltd, 2003
- NAVES, R. M. PERES, S. G., F. F. B.; BORGES, F. T. A videogravação como recurso metodológico em pesquisa qualitativa para análise de interações. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society**, v. 11, n. 2, p. 248-261, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14571/brajets.v11.n2.248-261>
- REIS, A. C. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 63, n. 1, p. 75-86, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100009&lng=pt&tlng=pt.
- REIS, A. C.; ZANELLA, A. V. Arte e vida, vida e(em) arte: Entrelaçamentos a partir de Vygotsky e Bakhtin. **Psicologia Argumento**, v. 32, v. 1, p. 97-107, 2014. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=14838&dd99=view&dd98=pb>
- SANJURJO, L.. FELTRAN, G. Sobre lutos e lutas: violência de estado, humanidade e morte em dois contextos etnográficos. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 2, p. 40-5, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200013>
- SANTANA, A. C.; OLIVEIRA, M. C. S. L. (). Desenvolvimento humano: Aproximações a uma perspectiva semiótica e dialógica. In OLIVEIRA, M.C.S.L.; CHAGAS-FERREIRA, J. F.; MIETO, G. M.; BERALDO, R. (Eds.), **Psicologia dos processos de desenvolvimento humano: Cultura e educação**, p. 13-32. Campinas, SP: Alínea, 2016
- SILVA, C.; BORGES, F. (). Análise temática dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 245-267, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/28451/20063>
- SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano. In M. J. Spink (Org.), **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas (On-line)**. Rio de Janeiro: Centro Edelsstein de Pesquisas Sociais, 2013
- STAVROVA, O.; MECKEL, A. Perceiving emotion in non-social targets: The effect of trait empathy on emotional contagion through art. **Motivation and Emotion**, v. 41, p. 492-509, 2017. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/s11031-017-9619-5>
- VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Tradução B. A. C. de S. Porto Alegre: Artmed, 2012
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: WMF, 2018
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo, SP: Editora 34, 2017
- ZANELLA, A. V. Educación Estética y actividad creativa: Herramientas para el desarrollo humano. **Univ. Psychol.**, v. 6, n. 3, p. 483-492, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/up/v6n3/v6n3a02.pdf>
- ZANELLA, A.; BRITO, R.; CARVALHO, R.; ROZENFELD, T. O projeto ArteUrbe: tecnologia e produção de subjetividade. **Rev. Polis e Psique**, v. 4, n. 3, p. 217-233, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/44998/pdf_19
- ZITTOUN, T. On the Use of a Film: Cultural Experiences as Symbolic Resources. In A. Kuhn (Org.), **Little Madnesses: Winnicott, Transitional Phenomena and Cultural Experience**, p. 135-147. London, UK: Tauris, 2013
- ZITTOUN, T.; CERCHIA, F. Imagination as Expansion of Experience. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 47, n. 3, p. 305-324. 2013. DOI: 10.1007/s12124-013-9234-2
- ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. Symbolic resources. In: K. Keith (Org.), **Encyclopedia of Cross-Cultural Psychology**, p. 1259-1262, 2013. Malden, MA: John Wiley & Sons.